

Estratégias da posse em wayana e seu mosaico morfo(fono) lógico: Perspectiva tipológica*

Eliane Camargo

Instituto Francês de Estudos Andinos (IFEA, Lima-Peru),
Coordenadora de pesquisas na Associação (IPÊ)
<http://orcid.org/0000-0002-4139-0426>

Asiwae Wajana

Grad. Universidade Federal do Amapá (UNIFAP, Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-7256-6092>

ABSTRACT: Cariban languages present complex structures of morphophonology and morphosyntax. Wayana reflects these linguistic characteristics quite well, as it shows in the descriptive study proposed here concerning typology of the possessive construction by following morphophonological and morphosyntax criteria. Two types of elements characterize the nominal determination, specified by a morphology referring to inalienable and alienable relations between possessors and possessed. In the possessive construction, the formation of syntagma and the nominal predication are characterized by an averbal predication, and the presence of the copula verb (the 1st and 2nd persons) and the existential verb (the 3rd person). The postposition codifications are various and some of the possessive structures express aspect-tense values as *-hpe* and *-hme* and their privation operators, *-pin* and *-min*. Constructions marked by the sociative show possessive comitative, which is quite unusual in the linguistic literature. The present study focuses on the possessive expression in the Wayana grammar and its several morphophonological, morphological, syntactical and semantics strategies.

KEYWORDS: Wayana; Cariban language; Linguistic typology; Possessive construction; Indigenous language.

RESUMO: As línguas caribes apresentam uma morfofologia e morfossintaxe complexas. O wayana reflete bem essas características linguísticas, como veremos no estudo descritivo proposto, sobre a tipologia da construção de posse, que segue critérios morfofonológicos e morfossintáticos. Dois ordens dos elementos caracterizam uma determinação nominal, especificadas por uma morfologia remetendo à relação alienável e inalienável entre o elemento possuidor e o elemento possuído. Nas construções de posse, destaca-se a formação de sintagmas e predicados nominais, caracterizados por predicação não verbal e por presença da cópula nas 1ª e 2ª pessoas e da partícula existencial na 3ª pessoa. Posposições de codificação do possessivo são vários e algumas das estruturas do possessivo expressam valores aspecto-temporais como *-hpe* e *-hme* e seus correspondentes operadores de privação de posse, *-pin* e *-min*. As construções com o associativo revelam a posse comitativa, o que é bastante

* Sem a participação dos Wayana do Brasil e da Guiana não seria possível entender todas as minúcias semânticas das diferentes estruturas dessa língua caribe. A leitura cuidadosa dos pareceristas contribuiu à reflexão deste estudo. A todos meus agradecimentos.

CAMARGO e WAJANA – ESTRATÉGIAS DA POSSE EM WAYANA...

inusual na literatura linguística. O presente estudo focaliza a expressão de posse na gramática do wayana e as suas diferentes estratégias morfológicas, morfológicas, morfossintáticas, cada uma delas com suas especificidades semânticas.

PALAVRAS-CHAVE: Wayana; Língua caribe; Tipologia linguística; Construção de posse; Língua indígena.

1. Contextualizando a coleta de dados: Aspecto inevitável

Este não é o primeiro estudo sobre a construção de posse em wayana.¹ W. Jackson (1972), Camargo (1999, 2019), Tavares (2005) já abordaram o assunto. O presente texto diferencia dos demais por trazer informações complementares de cunho linguístico, muitas vezes acompanhadas de dados etnográficos, não explorados até agora. O leitor pode questionar sobre as bases de tais informações. Tomamos algumas delas a partir da gramática do wayana, proposta por Tavares, que analisa a morfologia da construção de posse (2005: 120-140), e também da pequena gramática wayana de Jackson. O atual estudo complementa o esboço sobre a relação de pertença (Camargo 1999), abordando estruturas morfológicas e estratégias semânticas mais complexas da expressão de posse em wayana. Os dados são provenientes de elicitaciones, de narrativas, de cantos rituais² mas também da experiência de campo,³ que permite adquirir uma certa prática do uso da língua e do seu emprego no cotidiano. Todos os dados apresentados seguem a configuração da realidade linguística do grupo que vive no Brasil e na Guiana Francesa;⁴ eles foram coletados mediante o uso da língua por parte de seus locutores, através de interações entre o pesquisador e os locutores.

O presente estudo concentra-se em uma descrição de estruturas de posse, abordando diferentes aspectos tipológicos da codificação linguística da construção de posse em wayana. Ele tem como preceito teórico o funcionalismo linguístico por ser uma corrente que se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.

2. Características tipológicas do wayana: Premissas

O wayana é uma língua de morfologia afixal. O item lexical (nome, verbo, adjetivo) recebe prefixos e sufixos. Os primeiros representam a pessoa (possessiva, actancial) e a

¹ Pertencente à família caribe, o wayana é falado em um vasto território contínuo entre o Brasil (no alto e médio rio Paru de Leste, no extremo norte do Pará), a Guiana Francesa (rio Litani, afluente do alto Maroni, no Território do Parque amazônico da Guiana) e o Suriname (nos rios Tapanahoni e Lawa, nome holandês do rio Litani, que se situam no distrito Sipaliwini, provavelmente de uma língua caribe, significando *sipali wini* (=sipali eni) “poço da arraia”). A população global aproxima-se de 2100 pessoas.

² Considerados como sendo a base do entendimento da cosmologia wayana, conservam muitas estruturas linguísticas de um tempo mais antigo, permitindo ao linguista estudar níveis de língua entre o moderno e o antigo.

³ Guiana Francesa (campo anual), Brasil (campo frequente). O contato com wayanas, que vivem no Suriname, é pouco. Esta variante não é evocada aqui.

⁴ O falar wayana no Suriname tem bastante influência do tiriyo, outra língua caribe, e do Sranan tongo, língua crioula bastante difundida naquele país. Ainda nesse país não é raro encontrar wayanas falando inglês e/ou o neerlandês.

diátese (reflexivo, recíproco, voz média), os segundos remetem a diferentes categorias gramaticais, entre as quais aspecto-tempo, modalidade (epistêmica, asserção, número).

2.1. A estrutura geral do enunciado fundamental wayana

Michel Launey (1994) foi o primeiro linguista a chamar a atenção para a onipredicatividade do item lexical do nahuatl (uto-azteca),⁵ abrindo uma discussão mais ampla para se “repensar” a predicabilidade do lexema em outras línguas, até mesmo pelo fato da fronteira verbo-nominal ser geralmente fraca (Camargo 2003). O item lexical wayana é onipredicativo: *pakolo* pode ser interpretado, segundo o seu contexto de comunicação, como um substantivo ‘a casa’ ou um predicado ‘é a casa’: *pakolo pepta* ‘É (a/uma) casa grande’. A predicatividade é reconhecida com a presença do assertivo *lëken*: *Pakolo lëken*. É a/uma casa mesmo. Os adjetivos são igualmente predicativos: *ikaphak* ‘(Está) gordo; *mule ikaphak* ‘O menino (está) gordo.’

Itens lexicais como nomes, adjetivos e verbos recebem índices pessoais:

Nome:

- (1) *J-emsí*⁶ *n-umëk*
 1POSS-filha 3U-chegar.COMPL
 ‘A minha filha chegou.’

Adjetivo:

- (2) *J-eile* *man*
 3A1P-brabo EXIST
 ‘Ele está brabo comigo.’ (Lit. existe brabeza dele em mim)

Verbo:

- (3) *J-elemi* *pëtuku*
 3A1P-cantar.COMPL bem/bonito
 ‘Cantei bem.’ (Lit. Ele (agiu) em mim (para) canta(r) bonito)

As formas pessoais correspondentes ao possessivo (1) são idênticas às do actante único (U) de um verbo intransitivo (4a) e as do objeto, em função de paciente (P) de um verbo transitivo (4b):

- (4a) *Hemele,* *j-ïnik-ja-i* *Makapa* *po*
 Enfim, 1U-dormir-INCOMPL-MOD Macapá LOC
 ‘Até que enfim, vou dormir em Macapá.’

⁵ Toda palavra do léxico representa um predicável, ou seja, uma noção que pode ser aplicada a um sujeito para formar ua expressão predicativa (1994). (tradução da autora)

⁶ O alfabeto do wayana segue os fonemas da língua compostos de sete vogais: *a, e, ë* (schwa), *i, i* (central média alta), *o, u, u*, e de dez consoantes: *h, j, k, l* (retroflexa), *m, n, p, s, t, w*). Regras de ortografia são empregadas nos enunciados analisados.

- (4b) *J-ene-la* *n-eha*
 3A1P-ver-NEG 3U-COP.COMPL
 ‘Ele não me viu.’

Em wayana, os argumentos organizam-se à esquerda do verbo, seguindo a ordem SOV. O argumento no papel semântico de agente pode se localizar à direita do verbo, seguindo, nesse caso, a ordem OVS (5b). O argumento Objeto é um elemento que forma um bloco sintático junto com o verbo OV (13a-b):

Argumentos lexicais

- (5a) *Eluwa* *ololi* *uhmo*
 homem.A camaleão.P matar.COMPL
 ‘O homem matou um camaleão.’

- (5b) *Ololi* *uhmo* *eluwa*
 camaleão.P matar.COMPL homem.A
 ‘O homem matou um camaleão.’

Argumentos gramaticais

- (6a) *J-emsi* *w-ene*
 1POSS-filha.P 1A3P-ver/visitar.COMPL
 ‘Vi/visitei a minha filha.’

- (6b) *W-ene,* *j-emsi*
 1A3A-ver.COMPL, 1POSS-filha
 ‘Eu a visito, a minha filha.’

Esse bloco sintático, OV, permanece quando o verbo é indicializado.

- (6c) *Eluwa* *n-uhmo*
 homem.A 3A3P-matar. COMPL
 ‘O homem, (ele) o matou.’

Na ausência de indicialização no verbo, este precedido por um argumento lexical, remete o argumento ‘paciente’ a uma posição de tópico (7b):

- (7a) *Ololi* *uhmo*
 camaleão.P 3A3P.matar.COMPL
 ‘O camaleão, ele / alguém o matou.’

- (7b) *J-emsi* *ene*
 1POSS-filha, ver/visitor.COMPL
 ‘A minha filha, ela visita alguém.’

2.2. Predicação nominal

Sabe-se que do ponto de vista morfossemântico, o wayana dispõe de dois tipos de predicação: uma nominal outra verbal. Na predicação nominal, distinguem-se três estruturas predicativas: (a) a oração sem cópula, (b) a oração marcada pelo existencial *man* e (c) a oração com cópula, *-a* no presente, e *-eha* no passado. Essas estruturas são aplicadas na construção de posse nominal (cf. Camargo 2008). O que vem a ser um diferencial morfossemântico é o uso de marcadores de posse em algumas estruturas verbais, nominalizando-as.

2.2.1. Oração com cópula

As formas supletivas da cópula são *-a* para o presente e *-eha* e *-ehaken* para o passado. Como o existencial, a cópula ocupa a posição mais à direita do enunciado. No presente, ela aparece junto à 1ª e à 2ª pessoas do singular e do plural, no passado em todas as pessoas. A 3ª pessoa é marcada pela partícula existencial, vista acima.

- (8) *Ēpatēn* *w-a-i / man-a-i*
 professor 1U-COP-SIT / 2U-COP-SIT
 ‘Sou professor. / Você é professor.’

No wayana moderno, a construção prototípica da cópula na 3ª pessoa, *nai*, expressa um valor de admonestativo, tendo um uso específico não explorado neste trabalho (ver Camargo 2003).

2.2.2. Oração sem cópula

A estrutura mínima no wayana pode ser representada por um elemento nominal, o que revela que o item lexical provém de propriedade predicativa:

- (9a) *Kanawa* ‘(É a/uma) canoa.’
 (9b) *Wajana* ‘(É o/um) wayana; ou: (É) gente. (É um) ser humano.’

O assertivo lexical *lēken* reforça essa predicatividade:

- (10a) *Kanawa lēken* ‘É mesmo, é (uma) canoa.’
 (10b) *Wajana lēken* (a) ‘É mesmo, é um wayana’; (b) ‘É alguém do grupo wayana.’

Dois operadores de negação marcam a construção nominal, a posposição: *tapek* e o sufixo privativo *-mna*:

(11a) *Kanawa tapek*
 canoa NEG
 ‘Não é canoa.’

(11b) *Kanawa-mna*
 canoa-PRIV
 ‘Está sem canoa.’

2.2.3. Oração com o existencial *man*

O valor pronominal da 3ª pessoa nas construções não verbais evoluiu para um valor epistêmico, com o emprego de ‘*man*’. Na predicação nominal, essa partícula predicativa é empregada apenas no presente, expressando o valor de existencial. Usada apenas na 3ª pessoa tanto do singular (12a), como no plural com a posposição verbal, *tot* (12b).

(12a) *Palasisi man*
 francês EXIST
 ‘Ele se parece com um francês.’

Este enuncia sugere duas interpretações: (a) um wayana com trejeitos de um francês; ou (b) é um francês mas não se tem muita certeza.

(12b) *Palasisi man tot*
 francês EXIST PL
 São (os/uns) franceses.

A partícula *man*, de valor epistêmico, expressa a sua subjetividade em relação ao que enuncia. Em (12a), o enunciador expressa que “a entidade da qual fala apresenta propriedades de um francês, sem ser necessariamente um.” Essas construções da predicação nominal permitem um entendimento maior das diferentes estratégias de posse, de seus subtipos semânticos assim como de seu conteúdo cognitivo.

2.3. A ordem dos elementos no sintagma nominal

Em um sintagma nominal (SN), a ordem dos elementos é (De) → (Do):

(13) *Palu ewuku*
 banana suco, mingau
 ‘(É) mingau de banana.’

Em um sintagma nominal formado por dois nomes, o elemento determinante posiciona-se à esquerda do elemento determinado. Essa é a estrutura na qual os elementos se posicionam na construção de posse: o elemento possuidor (De) se posiciona à esquerda

do elemento possuído (Do). Conforme o semantismo do elemento possuidor, ele pode ser interpretado como um elemento indefinido (14a) ou definido (14b) por este último ser representado por um nome próprio que define o possuidor, assim como o emprego de índices pessoais que é um elemento gramatical definido (14a):

(14a) *Mule je*
criança.POSS genitora
'Mãe de criança.'

(14b) *I-je*
3POSS-genitora
'É a mãe dele.'

2.3. Os índices pessoais

A série de índices pessoais segue um ajustamento morfofonológico, segundo o tipo de sílaba inicial à qual se associa, se for diante de ataque nulo #-V(vogal) ou diante de ataque silábico #-C(consoante):⁷

I. Índice pessoal associado ao item lexical

	#-V	#-C	# -CVa, #-wa...	# -CVo, #-wo...
1SG	j-	ĩ-		
2SG	ẽw-	ẽ-		
3SG	ø ⁸	ĩ-	e-	a-
1PL inclusivo	k-	ku-		
1PL exclusivo	emna	emna		
2PL	ẽw...kom / tom	ẽ... kom / tom		
3PL	ø... kom / tom	ĩ... kom / tom	e... kom / tom	a... kom / tom

Diante de uma sílaba com núcleo: -#V

(15a) *J-emsí* '(É) a minha filha'

(15b) *Ëw-emsí* '(É) a tua filha'

(15c) *Ø-emsí* '(É) a filha dele'

Diante de uma sílaba com ataque: -#C

(16a) *Ï-jum* '(É) o meu pai'

(16b) *Ë-jum* '(É) o teu pai'

⁷ Ver Jackson, 1972: 62-63.

⁸ Um marcador nulo -ø enquanto prefixo remete à 3ª pessoa e enquanto sufixo remete tanto à posse inerente quanto à posse inalienável em construções afirmativas.

(16c) *I-jum* ‘(É) o pai dele’

Essa tabela aponta para a distinção entre a primeira pessoa inclusiva (1+2-3) em (6a), e a primeira pessoa exclusiva (1-2+3) em (3b); fenômeno bastante corrente em línguas indígenas. Nota-se que os exemplos abaixo, *-li* realiza-se *-lu*, isso devido a harmonia vocálica com a vogal posterior /u/ em final de palavra:

(17a) *Ku-kalawu-lu* ‘(É) o nosso canto *kalawu*.’ (Isto é, você é wayana.)

(17b) *Emna kalawu-lu* ‘(É) o nosso canto *kalawu*.’ (Isto é, você não é wayana.)

Cabe chamar a atenção para alguns aspectos morfológicos:

- o wayana distingue o plural inclusivo (eu + você //1+2-3) do plural exclusivo (eu – você //1-2+3). O plural inclusivo é representado pelo índice pessoal *k-*, ao passo que o plural exclusivo é representado pelo lexema *emna* que se posiciona à esquerda do elemento determinado.
- o plural representado pela posposição *kom{o}* pode remeter tanto ao elemento determinado: *ëw-emsikom* ‘a filha de vocês’ ou ‘as filhas de vocês’ ou ainda ao elemento determinante ‘as tuas filhas’.
- a 3ª. pessoa do singular e do plural revela uma variante morfofonológica. Esta depende do tipo da sílaba inicial do termo que receberá a indexação. Este processo morfofonológico ocorre em contexto labial com ataque silábico representado pela aproximante /w/ seguido da vogal *a-*, #-*wa*, ou da vogal *o-*, #-*wo*. Nas demais estrutura silábica, a 3ª. pessoa é representada pela vogal *i-*.

Diante da estrutura silábica #-CVa.

O índice de 3ª. pessoa *e-* associa-se a um ataque de sílaba, tendo seu núcleo representado pela vogal média posterior /a/:

(18a) *E-wapunu-mna* ‘Ele não tem panturrilha.’

(18b) *E-wasili-mna* ‘Ele não tem perna.’

Diante de uma estrutura silábica #-CVo.

O índice de 3ª pessoa *a-* associa-se a um ataque sílaba, tendo seu núcleo representado pela vogal média posterior /o/:

2.4. Alguns fenômenos morfofonológicos

As línguas da família caribe são caracterizadas por uma morfofonologia complexa, cada língua com sua especificidade, mas cada uma complexa. Não seria diferente com wayana, cuja morfo(fono)logia não é das mais simples. Vejamos aqui as mudanças

fonológicas⁹ ocorridas no processo derivacional das construções de posse: ablaut, elisão e mudança vocálica em final de palavra.

2.4.1. Ablaut

A tabela II mostra a variação dos prefixos pessoais quando associados à palavras cuja sílaba inicial é representada por um ataque nulo ou por um ataque silábico. Aqui abordamos, a variação morfofonológica da vogal da sílaba inicial da palavra que ao receber o prefixo pessoal, apresenta uma mudança alterando a sua abertura fônica.¹⁰ Essa mudança corresponde a uma mudança semântica da palavra. Vejamos um exemplo com a palavra que designa ‘(a) mão’: *omo* e *amo*. A nuance semântica que lhes diferencia é que o primeiro entra na classe de termos genéricos, o segundo na dos elementos específicos. Estes expressam haver uma relação intrínseca entre o elemento possuidor e o elemento possuído.

(19a) *Omo* ‘(É) uma mão.’ (*termo genérico*)

(19b) *Amo* ‘(É) a mão dele’. (*termo específico*)

(19c) *J-amo* ‘(É) a minha mão.’

O termo possuidor apresenta-se à esquerda do termo possuído. Este é afetado pelo ablaut se a construção designar uma aceção específica, a de posse intrínseca (20b):

(20a) *Mule omo helë*
criança mão este
‘Isso é a/uma mão de criança.’

(20b) *Mule amo tipilinke*
criança mão.de suja
‘A mão da criança está suja.’

Para indicar que a mão pertence a alguém em específico requer-se o prefixo de posse reflexivo *tĩ-* que ao se associar a um ataque nulo, há uma fusão vocálica mudando a abertura da vogal, por exemplo: *tĩ-ë* realiza-se *ta* (*ëpë* ‘braço’, *tapë* ‘o seu próprio braço’; *tĩ-oCo* realiza-se *to* (*omo* ‘mão’, *tomoke* ‘a sua própria mão’). Em alguns casos, há uma harmonia com a vogal da sílaba seguinte, se ela for /o/ realiza-se *to*:

(20c) *Mule t-omo-ke epkëlë*
criança.A 3POSS-mão-INSTR quebrar.COMPL
‘A criança quebrou (algo) com a sua própria mão.’

⁹ Para mais detalhes ver Tavares (2005), para o wayana, e Meira (1999) para o tiriyo, língua caribe.

¹⁰ Muitas línguas caribes dispõem desse padrão de alternância vocálica regular na estrutura fonológica interna referente à forma da palavra. Em wayana, essa alternância ocorre no nível nominal diferenciando o termo genérico do específico. No plano gramatical, ela afeta a vogal de início do lexema verbal na forma não-finita. Ver Meira (1999).

2.4.2. Elisão ou morfologia irregular da pessoa?

Algumas palavras wayana apresentam um ataque silábico representado pela consoante ‘w’ seguido da vogal ‘a’, #wo, como ilustra o quadro abaixo:

II. Forma de palavras com ataque silábico #-wo¹¹

Genérico	específico	Correspondência em português
Ono ¹¹	a-wono	A miçanga dela.
Wo	a-wo	O tio materno dele/dela.

Outras palavras apresentam duas formas lexicais: uma na acepção genérica com a sílaba inicial representada por um ataque nulo, e outra na acepção específica, tendo a sílaba inicial representada por um ataque silábico:

III. Forma reduzida de palavras com ataque silábico #-wo

Genérico	específico	Correspondência em português
Okĩ	a-wokĩ	A bebida dele/dela (Guiana Francesa)
Omi	a-womi	A língua dele

Em uma acepção genérica:

(21a) *Wajana omi ilohtailë.* ‘A língua wayana é difícil.’

Em uma acepção específica (construção de posse):

(21b) *Wajana womi ilohtailë.* ‘A língua do wayana é difícil.’

Vejam os que ocorrem com a palavra que designa ‘bebida’ na sua acepção específica. Ela apresenta duas estruturas, uma de uso no falar wayana do Brasil, a outra de uso no da Guiana Francesa.

IV. Variação lexical no wayana falado no Brasil e na Guiana

Pessoa	Paru de Leste (BR)	Litani (GF)	correspondência em português
1SG.	j-ok	ĩ-wokĩ	‘minha bebida’
2SG.	ẽw-ok	ẽ-wokĩ	‘tua/sua bebida’
3SG.	o-okĩ	a-wokĩ	‘bebida dele/a’
1PL. INCL.	ik-ok	ku-wokĩ	‘nossa bebida’
1PL. EXCL.	emna okĩ	emna okĩ	‘nossa bebida’
2PL.	ẽw-ok kom	ẽ-wokĩ kom	‘bebida de vocês’
3PL.	o-okĩ kom	a-wokĩ kom	‘bebida deles/as’

Duas palavras wayana chamam a atenção para a sua variação morfofonológica no plano lexical. O wayana não aceita um lexema formado de uma sílaba composta apenas de

¹¹ Ocorre com a oclusiva /p/ em *a-peinom* ‘filhos dele/a’, realização pouco produtiva nesse contexto fônico.

um núcleo. Assim as raízes lexicais *o* e *u* designando respectivamente ‘comida de origem animal’ e mandioca requerem na sua aceção genérica a forma da 3ª pessoa do possessivo. A formação da palavra para comida requer a forma do *pluralia tantum -tī*,¹² *otī*, e a da palavra para mandioca o sufixo de inalienabilidade *-lu, ulu*,¹³ assim ambas aparecem com uma estrutura de palavra V.CV (pois *V, *o¹⁴ / *u não é uma estrutura silábica aceita).

V. Indicialização de *u(-lu)* mandioca e *o(-tī)* comida de origem animal

Pessoa	Ulu ‘beiju (de)’	correspondência em português	Otī ‘comida (de)’	correspondência em português
1SG.	j-u	‘meu beiju’	j-o-t	‘minha comida’
2SG.	ëw-u	‘teu beiju’	ëw-o-t	‘tua/sua comida’
3SG.	o-u-lu	‘beiju dele/a’	o-o-tī	‘comida dele/a’
1PL. INCL.	ik-u	‘nosso beiju’	ik-o-t	‘nossa comida’
1PL. EXCL.	emna u-lu	‘nosso beiju’	emna o-tī	‘nossa comida’
2PL.	ëw-u kom	‘beiju de vocês’	ëw-o-t kom	‘comida de vocês’
3PL.	o-u-lu kom	‘beiju deles/as’	o-o-tī kom	‘comida deles/as’

2.4.3. A estrutura silábica canônica da palavra lexical

Há raiz lexical composta por monossílabos formada por V (*-o* ‘comida de origem animal’, *-ë* ‘comer carne’, *-u* ‘mandioca’) ou por CV (*-pi* ‘irmão (da mulher)’, *-pa* ‘(o/a) neto/a’, *-je* ‘(a) genitora’, *-wo* ‘irmão da mãe’). Porém a estrutura da palavra wayana geralmente é composta no mínimo por dissílabos. As raízes lexicais *-pi*, *-pa*, e *-u*, por exemplo, requerem, na sua aceção genérica, a presença da marca de inalienabilidade *-li* ou *-lu*:

•Morfologia da aceção genérica:

(22a) *Pilī* ‘(É o) irmão da mulher’

(22a) *Palī* ‘(É o/a) neto/a’

(22c) *Ulu* ‘(É o) beiju’

•Morfologia da aceção específica, a forma de posse:

(23a) *I-pi* ‘(É) o irmão dela’

(23b) *I-pa* ‘(É) o/a neto/a dele’.

¹² *-tī* também é um nominalizador. Ao se associar ao verbo *-ë* (*tëhe*) ‘comer.alimento.animal’. No wayana moderno, o /o/ de muitas palavras evoluiu para /ë/. A nome *otī*, que designa ‘comida de origem animal’, mantém a sua realização fonológica antiga. Assim o verbo *-ë*, em sua aceção nominal, realiza-se *-o*, resultando em *otī*.

¹³ Termo polissêmico: *ulu* (aceção genérica) e *-u* (aceção específica) designa ‘mandioca’, mandiocal (*Ju pepta me imë po*. O meu mandiocal no roçado é grande), e beiju (*Ju kole wekeju*. Fiz bastante beiju).

¹⁴ Sabe-se que /o/ em wayana tem tendência de se realizar /ë/ e justamente a raiz verbal de ‘comer alimento animal’ é designado pelo lexema *ë*, encontrado em *t-ë-he* 3REFL-comer.alimento.animal-MOD.

(23c) *ø-u-lu* ‘(É) o beiju dela.’

A forma lexical *-pali* > *i-pali* ‘o/a meu/minha neto/neta’; *ẽ-pali* ‘o/a teu/tua neto/a; *i-pali* ‘o/a neto/a dele’) é comum em relatos míticos ou mesmo quando um ancião dirige a palavra a alguém, mais novo que ele, que ele não conhece, ao interpelá-lo, dirige-lhe a palavra começando por, *ĩpali* ‘Meu neto’!:

(24) *Ĩ-pa-lĩ*, *ipok* *poptẽ* *hapon* *ka* *man*
 1POSS-neto-INAL bem um.pouco relativo INTERR. 2SG.
 ‘Meu neto, você está um pouco melhor?’

Na construção afirmativa, o sufixo de inalienabilidade não aparece mais, mantendo-se apenas com a raiz *u* ‘mandioca’ visto que o wayana não aceita a palavra composta por um núcleo nulo (23c).

O apalai, língua caribe próxima do wayana, aponta para o uso do sufixo alienável e inalienável agregado ao termo *je* ‘genitora’. Explicam que com o sufixo de inalienável tem-se *jery* ‘genitora’ (que seria *je-lĩ*, em wayana); com o sufixo de alienável tem-se *je-ny* ‘receptáculo’, ‘protetor’, ‘recipiente’ (correspondente à *e-nĩ*, em wayana). (cf. Camargo, 2001-2002, Koehn, 1994¹⁵). Em wayana moderno, a elisão da consoante em ataque silábico cristalizou a forma *eni*:

(25a) *Kulikla e-nĩ* (papagaio / protetor-ALIEN) ‘(É) a gaiola de papagaio.’

(25b) *Susu e-nĩ* (seio / protetor-ALIEN) ‘(É) o sutiã.’

2.4.4. Morfologia de sílaba final de palavra

Algumas palavras apresentam a seguinte estrutura silábica em final absoluta de palavra: CVV ou CVv.

CVV. A ocorrência da vogal longa remete à elisão da consoante lateral /l/ observada em *tuluhe* (arc.), *tuuhe* (mod.); *tĩlihe* (arc.) *tĩihe* (mod., Br.) e *tĩhe* mod. (Br. e Gfr.), fenômeno comum no wayana, falado no Brasil. Nas construções possessivas, a vogal longa é o reflexo da elisão da lateral /l/, do sufixo de inalienabilidade *-lĩ*. O apalai manteve esse sufixo, *-ry*:

¹⁵ Esta segmentação desta construção de posse não é aceita pelos wayanas interrogados.

VI. Realização de vogal longa

Acepção genérica - ‘vogal breve’		Acepção específica - ‘vogal longa’	
<i>ëpë</i>	‘o braço’	<i>Apëë</i> ‘É o braço dele’ <i>apo-ry</i> (apalai), reconstrução: <i>apëli</i> (wayana)	‘o braço dele’ (Tavares 2005: 125)
<i>epetpë</i>	‘o pagamento’	<i>epetpü</i> <i>epehpy-ry</i> (apalai); reconstrução: <i>epetpüli</i> (wayana)	‘o pagamento dele’
	<i>-tpë</i> sufixo de participio presente	-	<i>-tpü</i> forma em função possessiva (Tavares 2005: 127)

O alongamento da vogal preenche o vazio morfológico deixado pela elisão e se assimila fonicamente à vogal que a precede: *Ipalü* realiza-se *ipaa* ou *ipa* ‘o seu neto’ (ex. 32, Tavares 2005: 128),¹⁶ *apëli* se realiza *apëë* ou *apë*. O uso da vogal longa não é uma norma no falar moderno, ele depende do locutor.

CVv. Palavras terminadas pelo ditongo #Vi, geralmente provém da queda da consoante /s/ que reaparece nos processos derivacionais. O ditongo decrescente “ii” [ij], “ai” [aj], “ui” [uj] comum em sílabas finais de palavras nada mais é que a elisão da consoante fricativa coronal /s/ que compunha a sílaba final ‘-si’: *wëlii* > *wëlisi* ‘mulher’, *püjai* > *püjasi* ‘xamã’; *tukui* > *tukusi* ‘beija-flor’. A forma curta, caracterizada pelo ditongo, remete à acepção genérica do termo: *wëlii*, *püjai*, *tukui*. Na construção derivacional, a forma plena da palavra aparece com a consoante ‘s’ ocupando o seu lugar na sílaba:

- (26a) *Tinkü* ‘(É a/um) tipiti.’ (termo genérico)
 (26b) *I-tinküsi-n* ‘(É) o tipiti dela.’ (termo específico)
 (27a) *Anapamü* ‘(É a/um) abano.’ (termo genérico)
 (27b) *ø-anapamüsi-n* ‘(É) o abano dela.’ (termo específico)

2.4.5. Inclusão de sílaba final

A elisão da fricativa coronal /s/ de sílaba final #-si. Algumas palavras conhecem uma elisão da sílaba #lu. Esta reaparece em processos derivacionais como no da construção de posse simples (28b) ou na posse reflexiva (29b):

- (28a) *Mawu* ‘(É) algodão.’ (termo genérico)
 (28b) *I-mawülü-n* ‘(É) o algodão dela.’ (termo específico)

¹⁶ O wayana e o apalai, ambas línguas caribes, compartilham várias estruturas linguísticas, porém são independentes. O trabalho de Tavares, de grande valor no campo da descrição linguística, apresenta, em alguns casos, estruturas próprias do apalai, o que é corrente com falantes apalai quando se expressam em wayana e, muitas vezes, também do próprio locutor wayana falante do apalai.

- (29a) *Palu* ‘(É a/uma) banana.’ (termo genérico)
 (29b) *Ti-palulu-k* ‘(É) a própria banana dele.’ (termo específico)

3. Tipos de construções de posse

Na construção de posse, a relação semântica entre os elementos é diversa e distinta morfologicamente; ela apresenta diferentes nuanças semânticas, cada uma devidamente distinguida pela morfologia.

As nossas análises distinguem quatro estruturas de posse: (a) a posse canônica, (b) a posse reflexiva, (c) a posse aspectualizada e (d) a posse quantificada.

3.1. A posse canônica

Na construção de posse, o núcleo do sintagma, além de ser determinado por índices pessoais, pode receber sufixos que revelam a relação de dependência ou não do elemento possuidor com o elemento possuído. Essa relação é expressa em três construções de posse: uma inerente, uma inalienável e uma alienável. Chamamos esse paradigma de canônico por representar as construções mais produtivas e regulares.

- Posse inerente «De → Do-**ø**»
 Posse inalienável «De → Do-**li/-lu**»
 Posse alienável «De → Do-**n{u}**»

Nas construções afirmativas, esses sufixos nem sempre aparecem, a não ser o de alienável. O sufixo de inalienabilidade é onipresente na construção negativa.

3.1.1. Relação de inerência

A relação de inerência não recebe nenhum morfema específico que caracterize tal relação entre o elemento possuidor e o elemento possuído. Alguns termos de parentesco, como os genitores (‘pai’ **jumĩ** e ‘mãe’ **je**) assim como alguns objetos advêm de uma relação de inerência,

- (30a) *Ī-je.ø* *man* *uwame.*
 1POSS-mãe.INER EXIST saúde
 ‘Minha mãe está bem de saúde.’
- (30b) *Ē-je* *akuha* *w-enep.*
 2POSS-mãe agulha.P 1A3P-trazer.COMPL
 ‘Trouxe a agulha da tua mãe.’

Nas construções de posse, a negação mais produtiva é aquela marcada pelo privativo, *-mna* ‘sem’, ‘desprovido de’.

(31a) *I-je.θ-mna* *w-a-i*
 3POSS-genitora.INER-PRIV 1U-COP-SIT
 ‘Estou sem ela, a (minha) mãe.’

(31b) *Ī-je.θ-mna* *man*
 1POSS-genitora.INER-PRIV EXIST
 ‘A minha mãe não está (agora aqui).’

Isto é, ela não está ali naquele momento, mas não está longe, talvez esteja no roçado. Estará entre os aldeões logo mais.

Cabe notar nos enunciados acima, a indicialização do elemento possuído e o predicado requerido: Em (31a) o índice é de 3ª pessoa, *i-*, e o predicado representado pela cópula, *-a-*. Em (31b) índice é a 1ª pessoa, *i-*, e o predicado é o existencial. Essas duas ocorrências incidem no valor semântico dessas construções: Ao empregar a cópula, o elemento possuído é prefixado «sempre» pelo índice de 3ª. pessoa, por estar em co-referência com o elemento possuído, sugerindo a seguinte leitura literal: «(d)ela-mãe-sem eu estou». Expressa, nesse caso, que o elemento possuído está ausente por falecimento ou por se encontrar fora da aldeia, longe desta. Ao empregar o existencial, o elemento possuído é prefixado pelos índices de 1ª e de 2ª pessoas, requerendo a seguinte interpretação literal: «minha/tua-mãe-desprovida existe». Essa construção também indica ausência, porém momentânea do elemento possuído (31b).

Como seria o elemento possuidor representado pela 3ª pessoa em um predicado marcado pelo existencial? Nesse caso, duas formas de negação podem intervir: o privativo *-mna*, remetendo a uma privação temporária do elemento possuído (32a), e pela negação *-la*, referindo-se a uma privação mais longo, às vezes perene. Nesse caso, a forma de 3ª pessoa é o índice pessoal de posse reflexiva, «(d)ele mesmo»/«o seu próprio»:

(32a) *I-je-θ-mna* *man*
 3POSS-genitora-INER-PRIV EXIST
 ‘A mãe dele não está’. (Lit. Está privado de sua mãe, por ter saído. Ela não se encontra no local.)

(32b) *Tī-je-θ-ke-la* *man*
 3REFL-genitora-INER-INSTR-NEG EXIST
 ‘Ele não tem mãe’. (Lit. Está sem a própria mãe, por ter falecido.)

3.1.2. Relação de inalienabilidade

Do latim *inalienabilis*, seu conceito remete àquilo que não se pode ‘alienar’, ou seja, não pode ser transferido, transmitido, cedido a alguém. É «aquilo que não pode deixar de ser seu». Encontram-se termos de parentesco, partes do corpo humano e

também objetos. Na construção afirmativa, a inalienabilidade da relação entre o elemento possuidor e o possuído não recebe nenhum tratamento morfológico, exceto alguns casos. A inalienabilidade é expressa pelo sufixo *-li* ou seu alomorfe *-lu*, revelando uma relação de dependência.

O sufixo de inalienabilidade aparece na construção possessiva (33a), produtiva em relatos míticos e também em contexto de respeito e de afeto entre intergerações:

- (33a) *I-pa-li*
 3POSS-neto-INAL
 ‘(É) o neto dele’

Ao desconhecer o laço de parentesco, uma pessoa mais velha interpela uma mais nova assim:

- (33b) *Ī-pa-lī*, *mëk-kë*
 1POSS-neto-INAL vir-IMPER
 ‘Meu neto, venha!’

Em cantos rituais, como os da categoria *kalawu*, cujo texto apresenta um estado da língua antigo, esse sufixo geralmente está presente:

- (34) *Ī-pīle-lī* *kun-të-ne* *ametaka* *kun-të-ne*
 1POSS-flecha-INAL 3U-ir-acabado jusante 3U-ir-acabado
 ‘As minhas flechas foram para a jusante (*Kalawu*).’

O sufixo de inalienabilidade aparece sobretudo em processo derivacional, na formação de construções negativas, marcadas pelo privativo *-mna* (35b-c):

• Termos de parentesco:

- Com o sufixo **-li**:

- (35a) *J-emsi* *man* *kupime*
 1POSS-filha.INAL EXIST comprida
 ‘Minha filha é alta/comprida.’

- (35b) *ø-emsi-lī-mna* *man*
 3POSS-filha.INAL-PRIV EXIST
 ‘A filha dele/dela não está.’ (Lit. Está privado de sua filha, por ter saído, por não se encontrar no local.)

- (35c) *ø-emsi-lī-mna* *w-a-i*
 3POSS-filha-INAL-PRIV 1U-COP-SIT
 ‘Não tenho filha.’ (Lit. Estou desprovido de filha, por nunca ter tido, por ter falecido, ou por viver longe da família.)

- Com o sufixo **-lu**.

Este alomorfe ocorre em harmonia vocálica com a vogal /u/ da sílaba final:

(36a) *Ī-tamu* *i-meli-jetpë* (construção afirmativa)
 1POSS-avô.INAL 1P-escarificar.COMPL
 ‘O meu avô escarificou-me.’

(36b) *I-tamu-lu-mna* *w-a-i* (construção negativa)
 3POSS-avô.INAL-PRIV 1U-CÓP-SIT
 ‘Não tenho avô (que já é falecido).’

• Termos do corpo humano:

(37a) *Ī-wasi* *ipok* *poptë* (construção afirmativa)
 1POSS-perna.INAL bem pouco mais
 ‘A minha perna está um pouco melhor.’

(37b) *E-wasi-lī-mna* *man* (construção negativa)
 3POSS-perna.INAL-PRIV EXIST
 ‘Ele não tem perna. (Isto é, não veio a perna do frango que comprei).’

• Objetos, bens materiais:

Há certos objetos que são considerados como elementos indispensáveis para a vida do wayana. A canoa é um deles, instrumento fundamental para a locomoção fluvial quando se vive à beira de rios, igarapés:

(38a) *Ī-kanawa* *n-epkëlë* (construção afirmativa)
 1POSS-canoa.INAL 3A3P-quebrar.COMPL
 ‘A minha canoa¹⁷ quebrou.’

(38b) *I-kanawa-lī-mna* *w-a-i* (construção negativa)
 3POSS-canoa.INAL-PRIV 1U-COP-SIT
 ‘Estou sem canoa.’ (Lit. estou privado de canoa [por nunca ter feito, nunca ter tido uma])

(38c) *Ī-kanawa-lī-mna* *man* *j-akon* *n-alë*
 1POSS-canoa.INAL-PRIV EXIST 1POSS-irmão 3A3P-levar.COMPL
 ‘Estou sem a minha canoa, porque o meu irmão a levou.’

Vimos acima um jogo semântico entre emprego de índices pessoais e predicados marcados pela cópula e pelo existencial. Abaixo, vemos uma ocorrência diferente com

¹⁷ O termo *kanawa* ‘canoa’ é um empréstimo de alguma língua arauaque com a qual o grupo teve contato quando passou a viver às margens de grandes rios. O meio de transporte usado quando vivia à proximidade de igarapés, era uma canoa feita da árvore *ëku*, cuja casca era tirada para a construção da canoa: *Kanawa tapek mëlë ëku pitpë*. Não é canoa, isso é a casca de *ëku* (com a qual se fabricava canoa no passado).

predicado marcado pela cópula: (a) o elemento possuído não indicializado,¹⁸ e a negação marcada pelo sufixo *-la*.

Quando não indicializado, a negação marcada pelo privativo (39a) remete ao fato de o “dono” estar sem a sua canoa que não se encontra no porto, talvez por ter afundado ou pelo rio tê-la levado. Já a indicialização, em (39b), remete a um uso arcaico da língua. Ainda hoje, empregado somente por pessoas acima de 60 anos.

(39a) *Kanawa-mna* *w-a-i*, *tuna* *n-alë*
 canoa.PRIV 1U-COP-SIT rio 3A3P-levar.COMPL
 ‘Estou sem canoa. O rio carregou-a.’

(39b) *I-kanawa-la* *w-a-i*
 3POSS-canoa.NEG 1U-COP-SIT
 ‘Não tenho canoa.’ (Lit. sem a canoa, estou. Nunca tive uma.)

Os dois enunciados seguintes chamam a atenção. O elemento possuidor é representado por um substantivo que se posiciona à esquerda do elemento possuído. A diferença é que em um deles o elemento possuído é marcado pelo prefixo de posse reflexiva, remetendo a uma posse pessoal, indivisível, revelando o valor de uma “relação de posse definida” (40a). Com um nome comum como ‘criança’, homem, mulher a construção revela uma relação de posse indefinida em (40b):

(40a) *Mule* *fi-kanawa-k* *epkëlë* (*definido*)
 criança.A 3POSS-canoa-INSTR quebrar.COMPL
 ‘A criança quebrou a sua própria canoa.’

(40b) *Mule* *kanawa* *ewa* (*indefinido*)
 criança canoa.A queimar.COMPL
 A canoa de criança está queimada.

3.1.3. Relação de alienabilidade

Entende-se por elemento alienável, elemento possuído que pode ser transferido, transmitido, cedido. Essa relação de alienabilidade entre o elemento possuído e o elemento possuidor é definida morfologicamente pelo sufixo *-n{u}* que se associa ao elemento possuído:

(41a) *Mule* *malija-n*
 criança faca-ALIEN
 ‘(É) a faca da criança.’

¹⁸ Ver Camargo & alii 2019.

- (41b) *I-malija-n ihjan*
 3POSS-faca-ALIEN novo
 ‘A faca dele é nova.’

Dentre os diferentes elementos repertoriados nessa classe, encontram-se: *apukuíta* ‘o/um remo’ > *ø-apukuíta-n* ‘o remo dele’, *katali* ‘o/um jamaxim’ > *i-katali-n* ‘o jamaxim dela’, *paila* ‘o/um arco’ > *i-paila-n* ‘o arco dele’, *pakolo* ‘a/uma casa’ > *i-pakolo-n* ‘a casa dele’. Muitos dos objetos ocidentais incorporados são tratados alienavelmente: *hapatu* ‘o/um sapato’ > *isapatu-n* ‘o sapato dele’, *malija* ‘a/uma faca’ > *imalijan* ‘a faca dele, *weju* ‘a/uma tanga’ > *i-weju-n* ‘a tanga dela’.

- (42) *Ī-weju-n wi-pĩmi-ja-i*
 1POSS-tanga-ALIEN 1A3P-amarrar-INCOMPL-MOD
 ‘Estou amarrando a minha tanga.’

Os termos de parentesco são considerados elementos inalienáveis, porém o wayana aponta que nem todos são assim considerados. O termo que designa ‘tio paterno’, no sentido de ‘pai classificatório’, recebe o marcador de alienabilidade, *-n*:

- (43) *I-japo-n n-umëk kokopsik*
 3POSS-tio paterno-ALIEN 3U-chegar.COMPL manhã
 ‘O tio paterno dele chegou pela manhã.’

O mesmo ocorre com ao menos um dos termos referentes às partes do corpo, a costela *-wotkala*:

- (44a) *Ī-wotkala-n* ‘(É a) minha costela.’
 (44b) *A-wotkala-n* ‘(É a) costelas dele/a.’

Motivos gráficos

Vejam os alguns exemplos interessantes da estrutura de posse; servindo para designar motivos gráficos, *imilikut*:

- (45a) *Meli kaikusi-n*¹⁹
 coatipuru jaguar-ALIEN
 ‘Onça-coatipuru’ (Lit. onça do coatipuru)

- (45b) *Maipuli kaikusi-n*
 anta jaguar-ALIEN
 ‘Onça-anta’

¹⁹ Van Velthem (2003: 330) indica essa relação por jaguar/anaconda, enquanto que a leitura requerida seria anaconda/jaguar.

- (45c) *Kaikui okoi-n*
 jaguar cobra-ALIEN
 ‘cobra-onça.’

Como interpretar semanticamente tais construções? Uma leitura possível seria a de apreender as propriedades do elemento possuído no elemento possuidor. Os Do têm como propriedades: a habilidade do coatipuru de subir em altas árvores e a fazer grandes saltos como faz a onça-pintada (capaz de nadar, rastejar e escalar). O coatipuru, animal ágil, expressa trejeitos como a onça, a sua ‘fala’ *kus-kus* lembra a da onça *kuis-kuis*. A anta atribui a qualidade de “grandiosidade” à onça, e o dente canino é uma característica que lhes aproxima. A imponência corpórea da anta remete àquela de seus predadores. O atributo à cobra é a sua pele pintada e também suas presas. A onça e a anaconda por suas características super-predatórias, pela força e também pelo porte, sendo uma dominadora na terra, e a outra na água. A onça, por sua vez, assimila-se à anaconda pela força, habilidade de atacar grandes presas com um salto rápido. Nota-se que a ordem dos elementos não é a mesma, aqui o que prevalece é a superioridade dos elementos: a jiboia é o elemento magistral no universo animal wayana (para não dizer, indígena). Esse aspecto híbrido, conjugando propriedades de ambos animais, leva-nos a interpretar essas estruturas de posse como, neste caso de uma composição nominal.

3.1.3.1. Peculiaridades entre o alienável e o inalienável

Dentre os termos considerados alienáveis, há dois que nos surpreendem. Um deles é apreender a entidade-espiritual *jolok* como alienável, já que essa entidade é intrínseca do princípio vital de indivíduo, de uma entidade, e, sobretudo, de um xamã! Essa entidade é o interlocutor privilegiado do xamã nas diferentes esferas do cosmos wayana.

- (46) *Pijai joloko-n*
 xamã entidade-jolok-ALIEN
 ‘É o guia-jolok do xamã.’ (= um tipo de duplo espiritual do xamã).

Os paradigmas:

«Nome *luwe-n*» remete ao nome do instrumento tocado em solo

«Nome *ewu-ø*» remete à entidade-*jolok* cuja voz é expressa pelo instrumento.

3.2. A posse reflexiva

Em um sintagma nominal (SN), o elemento possuído pode receber o prefixo pessoal de 3ª pessoa *t{i}*- que remete a uma relação reflexiva, expressando o valor semântico de ‘próprio’. O elemento possuído indicializado por *t{i}*- pode receber sufixos que especificam o tipo de relação de posse estabelecido entre os elementos:

Posse inerente ou inalienável «T{i}.De → Do-ø»

Posse alienável	«T{ĩ}.De → Do-n{ĩ}»
Posse comitativa	«T{ĩ}.De → Do=ke/je»

3.2.1. A posse reflexiva inerente ou inalienável: «T{ĩ}.De → Do-ø»

O prefixo reflexivo marca a sua função sintática junto ao elemento possuidor assim como o seu valor semântico. Ele se associa tanto a termos de parentesco (47), a termos referentes a partes do corpo humano (48), como a objetos (49):

- Termos de parentesco

(47) <i>Wēlii</i>	<i>tikwa</i>	<i>ili-ø</i>	<i>tī-mumku-ø</i>	<i>okī</i>	<i>me</i>
Mulher	mingau	fazer.COMPL	3REFL-filho-INAL	bebida	EVOL
‘A mulher fez mingau para o seu (próprio) filho tomar.’					

- Termos do corpo humano

(48) <i>T-omo-ø</i>	<i>i-lamna-lī</i>	<i>ipkēlē</i>	<i>malija</i>	<i>ke</i>
3REFL-mão-INAL	3POSS-centro-INAL	cortar.COMPL	faca	INSTR
‘Ele cortou o dedo (médio) com uma faca.’				

- Objetos

(49) <i>Tēēn</i>	<i>mē-n-ke</i>	<i>t-ētap.ø</i>
tranquilo	3A-3P-dizer.COMPL	3REFL-rede.INAL
‘Ele está tranquilo na sua (própria) rede.’		

3.2.2. A posse reflexiva alienável: «T{ĩ}.De → Do-n{ĩ}»

A expressão da posse reflexiva recebe o sufixo de alienabilidade *-n{u}*:

(50a) <i>Mule</i>	<i>tī-kamisa-n</i>	<i>i-sahka</i>
criança	3REFL-tanga-ALIEN	3A3P-rasgar.COMPL
‘A criança rasgou a sua (própria) tanga.’		

(50b) <i>Tī-pakolo-n</i>	<i>tau</i>	<i>man</i>
3REFL-habitação-ALIEN	LOC	EXIST
‘Ele está em (sua própria) casa.’		

3.2.3. A posse reflexiva comitativa: «T{ĩ}.De → Do=ke/je»

A literatura referente ao possessivo pouco trata a estratégia de possessivos comitativos como em Amele,²⁰ que dispõe da marca de comitativo para codificar a relação de posse:

²⁰ Língua Sona, da Papua-Nova Guiné, é conhecida pela sua rica e complexa classe de 32 possessivos.
LIAMES, Campinas, SP, v. 19, 1-33, e019005, 2019

- (51) *Ija* *sigin* *ca*
 1SG faca com
 ‘Tenho uma faca.’ (Lit. eu [estou] com faca.²¹)

O wayana dispõe de uma estrutura em que o elemento possuído é prefixado pela posse reflexiva *t{i}*-, já visto em (50). Aqui relação de posse acrescenta posposição que junto com a posse reflexiva remete à um morfema descontínuo: com o instrumental *-ke*, *t{i}*’-.... *ke* que, junto a elementos animados exerce o valor de comitativo; e com os associativos *-malë*,²² *t{i}*’-.... *malë*, e *akëlë*, *t{i}*’-.... *akëlë* ‘com’, formas também usadas na estratégia de possessivo comitativo.

A estrutura « *t{i}*’-.... *ke* » diferencia-se das demais por remeter a um comitativo restritivo, cuja leitura sugerida é a noção adverbial de ‘somente’, ‘só’:

- (52a) *Ti-pa-ø-ke* *w-a-i*
 3REFL-neto-INAL-COM 1U-COP-SIT
 ‘Tenho neto.’ (Isto é, estou com meus próprios netos)

- (52b) *Ti-pa-ø* *malë* *n-itëm*
 3REFL-neto-INAL ASSOC 3U-ir.COMPL
 ‘Ele está indo com o seu próprio neto.’

Com parte do corpo humano essa estrutura pode remeter a reflexividade a “si mesma” (53a) ou como meio (53b):

- (53a) *Mule* *t-omo* *akët*
 criança 3REFL-mão cortar.COMPL
 ‘A criança cortou a sua própria mão.’

- (53b) *Mule* *t-omo-k* *n-apkëlë*
 criança 3REFL-mão-INSTR 3A3P-quebrar.COMPL
 ‘A criança quebrou (algo) com a sua própria mão.’

Na construção de posse reflexiva, o elemento possuído marcado pela alienabilidade, *-n{u}*’, remete a uma posse evolutiva (54a). Ao morfema *ke* ou seu alomorfe *-k* associado à estrutura de posse reflexiva (54b), a construção de posse reflexiva remete à uma posse permanente.

- (54a) *Mamak* *tï-weju-n* *pëk* *man*
 mamãe 3REFL.tanga-ALIEN sobre EXIST
 ‘A mamãe faz a sua própria tanga.’

²¹ Tham, Shiao Wei cite Roberts 1987: 81, citado in Stassen 2009:56 (44), ms.

²² *Malë* é um comitativo tanto com elementos animados como inanimados, ao passo que *akëlë* é comitativo apenas com animados.

- (54b) *Mamak man tĩ-weju-k*
 mamãe EXIST 3REFL-tanga-INSTR
 ‘A mamãe está com a sua própria tanga.’

3.3. A posse aspectualizada

3.3.1. A posse expressando estado evolutivo e estado perene

O falar wayana no Brasil diferencia duas construções equativas: N-**hme** e N-**hpe**, que remetem a «Em X existe Y». No Brasil, a noção de posse marcada por *-hme* exprime um *continuum* a partir de um “antes” até um “depois”. Esses sufixos veiculam a noção aspectual de um *continuum* entre o estado de transição (estado evolutivo) e o estado de atividade (aquele de ‘ter/dispor’).²³ O primeiro sufixo *-hme* remete a um estado evolutivo e o segundo ao estado de atividade *-hpe*. Essa diferença semântica não mais sentida no falar da Guiana Francesa.

Estado evolutivo «Do-**hme** De.COP / EXIST»

Estado de atividade «Do-**hpe** De.COP / EXIST»

Em (55a), X dispõe da bebida, mas não está pronta para ser servida, marcando o seu estado evolutivo. X ainda não dispõe de Y. Ao passo que em (55b), X dispõe da bebida podendo ser consumida. Estado de posse marcada por *-hpe*.

- (55a) *Okĩ-hme man (Br.)*
 bebida-ter. EVOL EXIST
 ‘Tem bebida (, que não está pronta apesar de dispor de toda matéria prima).’

- (55b) *Okĩ-hpe man (Br., Gfr.)*
 bebida-ter EXIST
 ‘Tem bebida (que está pronta e pode ser servida).’

Construção possessiva que pode se encontrar em um predicado marcado pela cópula:

- (56a) *Okĩ-hme w-a-i²⁴*
 bebida-ter. EVOL 1U-COP-SIT
 ‘Tenho bebida.’ (Br.) (Lit. X está no processo de dispor de Y)

- (56b) *Okĩ-hpe w-a-i*
 bebida-ter. PERM 1U-COP-SIT
 ‘Tenho bebida.’ (Br./Gfr.) (Lit. X está no estado de dispor de Y)

²³ Ver Camargo 2008: 88. sobre a categoria aspecto-tempo do nome em wayana.

²⁴ Estruturas apresentadas em (56a) não são aceitas na GFr.

Os enunciados (57) sugerem que *-hme* pode remeter a termos genéricos e *-hpe* a termos específicos:

(57a) *Oki-hme w-a-i*
 bebida-de 1U-COP-SIT
 ‘Tenho bebida.’ (ou seja, qualquer tipo de bebida)

(57b) *Kasili-hpe w-a-i*
 caxiri-ter 1U-COP-SIT
 ‘Tenho caxiri.’

A estrutura N-hpe, expressando “dispor de Y”, resta sem sombra de dúvida bastante produtiva:

(58a) — *Malija-hpe*²⁵ *ka man*
 faca-ter INTERR 2SG
 — ‘Você tem faca? Tenho.’

(58b) — *I-hpe w-a-i*
 3SG-ter 1U-COP-SIT
 — ‘Sim, tenho.’

(58b’) — *Uwa, i-hme w-a-i, kulumuli w-i-ja-i*
 Não, 3POSS-ter 1U-COP-SIT taboca 1A3P-fazer-INCOMPL-MOD
 — ‘Não, não a tenho, estou fazendo uma de taquara.’

3.3.1. A posse expressando privação

Às construções de posse, nas quais a relação alienável ou inalienável é expressa, podem ser associadas sufixos privativos: *-mna*, *-m̃n* e *-p̃n*:

VII. Sufixos de privação

Privação	«Nome possuído- <i>mna</i> COP / EXIST»
Privação reversível estado evolutivo	«Nome possuído- <i>m̃n</i> COP / EXIST» Não ter/dispor de N, mas podendo dispor.
Privação irreversível estado permanente	«Nome possuído- <i>p̃n</i> COP / EXIST» Não dispõe de N, nem virá a dispor.

3.3.1.1. A posse com o privativo-*mna* ‘sem’

Em uma construção de posse, o sufixo privativo *-mna*, associa-se ao elemento possuído. Como ilustrado em diferentes enunciados acima, ele se associa ao elemento

²⁵ *Malijahme wai. Lit.* estou no processo de adquirir uma faca (= ela está sendo feita de taquara).

possuído, após o sufixo indicador da relação semântica entre o elemento possuidor e o seu elemento possuído:

•Privação do elemento inalienável:

(59a) *E-wasi-lī-mna* *man*
 3POSS-perna-INAL-PRIV EXIST
 ‘Ele está sem perna.’

(59b) *I-tamu-lu-mna* *w-a-i*
 3POSS-avô-INAL-PRIV 1A3P-COP-SIT
 ‘Não tenho avô’ (que já é falecido).

O elemento possuído pode ou não estar indicializado. A prefixação remete a uma topicalização do elemento possuidor presente nominalmente (60a):

(60a) *Pilëu* *i-poti-lī-mna*
 flecha 3POSS-ponta-INAL-PRIV
 ‘A flecha, ela está sem ponta.’

(60b) *Pilëu* *poti-lī-mna*
 flecha ponta-INAL-PRIV
 ‘Não tem ponta de flecha.’

Uma exceção à regra, sem a presença do sufixo de inalienabilidade, é o termo *kanawa* ‘canoa’ que dispensa o sufixo *-lī* que normalmente deveria estar presente. Neste caso, o enunciador enuncia que a sua relação com o objeto é inerente:

(61) *Kanawa.ø-mna* *w-a-i*
 canoa.INAL-PRIV 1U-COP-SIT
 ‘Não tenho canoa.’ (Lit. Estou sem canoa.)

•Privação do elemento alienável:

(62) *Apoto-nu-mna* *w-a-i*
 fogo-ALIEN-PRIV 1U-COP-SIT
 ‘Estou sem fogo.’ (Isto é, sem brasa para acender o fogo.)

3.3.1.2. A posse com o privativo reversível *-mīn* ‘sem’

O sufixo *-mīn* além de expressar um valor de privação, exprime mudança de estado indicando a sua reversibilidade, ou seja, “X não dispõe de Y, mas poderá dispor”. Em caso de usar um dos pronomes tônicos *inēlē* ‘ele/ela’, ou anáfora *mēklē*, o elemento possuído não é indicializado:

(63a) *kanawa-li-m̃n* *m̃kl̃e/iñl̃e*
 canoa-INAL-PRIV ele/ela
 ‘Ele está no momento sem canoa.’

(63b) *u-lu-m̃n* *m̃kl̃e*
 beiju-INAL-PRIV ele/ela
 ‘Ela está no momento sem beiju.’

Em compensação, na ausência desses pronomes, a inicialização é presente:

(64) *I-kanawa-li-m̃n*
 3POSS-canoa-INAL-PRIV
 ‘Ele não tem canoa.’ (Ou seja, ele não sabe nem fabricar, mas vai acabar por aprender e fazer uma).

Os enunciados abaixo põem em paradigma a sequência *-li-mna* e *-li-m̃n* expressando privação, o que permite ver a nuance semântica entre eles. Em (65a) «X está privado (momentaneamente) de fala.» Em (65b) “X” também está sem fala, podendo a sua reversibilidade demorar mais tempo.

(65a) *Wapa* *man* *a-womi-li-mna*
 Wapa EXIST 3POSS-língua-INAL-PRIV
 ‘Wapa é mudo.’ (para sempre)

(65b) *Wapa* *man* *a-womi-li-m̃n*
 Wapa EXIST 3POSS-língua-INAL-PRIV.REVERS
 ‘Wapa está mudo (, podendo vir a se recuperar um dia).’

O termo peito designa ‘sujeito’, ‘vassalo’. Usado geralmente para os empregados, ou pessoas que trabalham sobre o comando de alguém.²⁶

3.3.1.3. A posse com o privativo restritivo *-p̃n* ‘sem’

O sufixo *-p̃n* expressa privação de elemento que deveria ser possuído e seu estado irreversível. Ele se associa diretamente à raiz lexical do elemento possuído:

(66) a. *I-munku-p̃n* ‘Aquele que não tem filho (e não terá).’

b. *I-tupi-p̃n* ‘Aquele que não tem roçado (e nem terá).’

O seu uso junto ao termo que designa bebida *ok̃i* deve ser evitado, tratando-se de uma injúria. Tal uso pode ser profundamente ofensivo, pois uma família ou uma mulher

²⁶ Ele também pode designar a ‘esposa’ sendo que um dos papéis que exerce nessa sociedade é de servir o marido (cuidar dele e de seus filhos).

que não disponha de bebida é considerada como preguiçosos, por não ter roçado suficiente para fabricar o elemento maior da coesão social do grupo, a bebida. No entanto, o uso do privativo *-mĩn* expressa que a pessoa está momentaneamente sem bebida, mas a sua fabricação não vai tardar:

(67a) *Okĩ-pĩn inēlē.* ‘Ela não tem bebida e nem terá.’

(67b) *Okĩ-lĩ-mĩn inēlē* ‘Ela está sem bebida agora.’

4. A posse expressando quantificação

O wayana dispõe de diferentes operadores de quantificação e distingue os substantivos contáveis e incontáveis. Na expressão de posse, a quantificação pode pluralizar tanto o *De* como o *Do*; em alguns casos, somente o *Do* é pluralizado; em outros, o item lexical é pluralizado por pertencer à classe do *pluralia tantum*. Aqui trataremos das seguintes pluralizações:

Plural coletivo «De *Do-tom*»

Plural paucal «De *Do-kom*»

Pluralia tantum «De *Do.t{ĩ}*»

4.1. A posse expressando plural coletivo

A posposição *tom{o}* refere-se a um conjunto de entidades, é um pluralizador coletivo.

Posse inalienável. Dependendo do contexto, ele pluraliza o elemento possuidor e também o elemento possuído, podendo pluralizar os dois:

(68a) *Emsi tom* ‘(É) a filha deles; (São) as filhas dele.’;
‘(São) as filhas deles.’

(68b) *J-upo tom aklama he w-a-i*
1POSS-roupa PL arrumar VOL 1U-COP-SIT
‘Estou querendo arrumar as minhas roupas.’

Posse alienável. A posposição *tom* pluraliza o elemento possuído:

(69) *Ī-pampila-n tom*
1POSS-livro-ALIEN COL
‘São os meus livros.’

Quando representado pela 2ª ou 3ª pessoa, a pluralização afeta o elemento possuidor ou o possuído, ou os dois.

(70) *Ĕ-pakolo-n* ***kom*** *tawë-la* *man-a-të-i*
 2POSS-habitação-ALIEN paucal em-NEG 2-COP-PL-SIT
 ‘Vocês não estão na casa de vocês.’

(71) *I-pakolo-n* ***tom*** (*Gfr.*)
 3POSS-habitação-ALIEN COL
 ‘(É) a casa deles’. / ‘(São) as casas dele/s.’

À posposição de plural, associam-se os sufixos privativos, *-mna* e *-mĩn*. O uso do *-mna* leva à interpretação de um pronome indefinido: ‘ninguém’, mostrando que o possuidor é o elemento pluralizado:

(72) *Pakolo* ***tomo-mna***
 casa COL-PRIV
 ‘Ninguém tem casa.’ (Lit. privado de casas)

Em um contexto que faça referência ao elemento possuidor, a combinação do pluralizador, *-tomo*, com o morfema *-mĩn* afeta o elemento possuído: não ter nenhum anzol, não ter nenhuma comida:

(73a) *A-woka* ***tomo-mĩn***
 3POSS-anzol COL-PRIV.REV
 ‘Aqueles que não têm nenhum material de pesca.’

(73b) *Oka* ***tomo-mĩn***
 anzol COL-PRIV.REV
 ‘Aquele que não tem nenhum material de pesca (cara, linha, anzol).’

4.2. A posse expressando plural paucal

A posposição *-kom{o}* refere-se a um plural paucal que representa um pequeno número (três, quatro) de unidades. Ele pluraliza o elemento possuidor:

(74a) *I-mumu* ***kom*** *n-eha* *eluwa*
 3POSS-filho paucal 3U-COP.COMPL homem
 ‘O filho deles é um menino.’

(74b) *Ĕ-tuna* ***kom*** *w-enep*
 2POSS-água paucal 1A3P-trazer.COMPL
 ‘Trouxe a água de vocês.’ (Lit. A água de vocês, eu a trouxe.)

Na construção de posse reflexiva, ele pluraliza tanto o elemento possuidor como o elemento possuído:

- (75a) *I-kapalu-n* **kom**
 3POSS-borduna-ALIEN paucal
 ‘São as bordunas dele.’
- (75b) *Ti-kapalu-n* **kom**
 3REFL-borduna-ALIEN paucal
 ‘(É) a própria borduna deles.’
- (75c) *Ti-mnelum* **kom**
 3REFL-esposo paucal
 ‘É o marido delas.’/‘São mulheres casadas.’ (aquelas que têm seus próprios maridos)’

4.3. A posse expressada por *pluralia tantum*

O wayana dispõe de um número de palavras caracterizadas por ter a sílaba final da palavra, representada por uma coda CVt{i}. Esta é resultante de uma ressilabificação, visto que a vogal dessa “sílaba final” {i} elidiu-se ficando apenas a consoante que passou a agregar a sílaba que a precede. Alguns termos têm em sua última sílaba esse “t” que, em um processo derivativo, a vogal elidida reaparece. Hoje, essas palavras são concebidas apenas no plural. Há termos de parentesco cuja sílaba final apresenta-se com essa coda, mas a motivação semântica de tal formação de palavra nos é, por ora, historicamente desconhecida, mas o que parece ser um sufixo de plural hoje faz parte da estrutura silábica da palavra e sugere a leitura de um *pluralia tantum* (‘plural somente’²⁷): *-püt{i}* Lit. ‘esposarada’/esposa, *-not{i}* Lit. ‘avorada’/avó, *-mnenot{i}* Lit. ‘sograrada’/sogra, *-jelut{i}* Lit. ‘cunhadara’/cunhada. Sendo uma sociedade caracterizada até a um passado recente como polígama, esses diferentes termos levam ao entender a pluralização da ‘esposa’, em que o termo referente leve em sua morfologia a indicação de o homem dispor mais de uma esposa. Tendo mais de uma esposa, ele detém mais de uma sogra. Uma criança de um homem polígamo tem mais de uma avó materna, pois tem mais de uma mãe que ele chamará de *mamak* ‘mãe’. Ocorrências como essas dão margens para entender o *pluralia tantum* dessas palavras. Em outros casos, um sufixo *-t{i}* aparece em sílaba final de palavra quando esta está em função gramatical de elemento possuído. Tomemos alguns exemplos:

VIII. *Pluralia tantum*, *-t{i}*

termo genérico		termo específico	
<i>Ētpo</i>	pelosidade facial (barba, bigode)	<i>etpo-t{i}</i>	a pelosidade facial de
<i>Ēpispo</i>	cílio, sombrancelha	<i>epispo-t{i}</i>	a pelosidade dos olhos de
<i>Ēpi</i>	remédio (erva medicinal)	<i>epi-t{i}</i>	o remédio de
<i>Tamī</i>	tabaco	<i>tamī-t{i}</i>	o tabaco de

²⁷ Em português tem-se exemplos como ‘anais’, ‘bens’, ‘férias’, ‘graças’, ‘obras’.

Esses termos remetem inerentemente a uma noção de plural, não se tratando de uma unidade, mas de massa.

- (76) *Kaikui etpo-tʃi}*
cachorro pêlo.facial-PL
'É a barbicha do cachorro.'

A forma plena aparece em processo derivacional:

- (77) *Kaikui etpo-tʃi-mna man, mule-já t-ĩpkêlê-i esike*
cachorro pêlo.facial-PL-PRIV EXIST criança-DAT 3REFL-cortar-MOD devido a
'O cachorro está sem barbicha pois a criança cortou-a.'

A noção de massa também é entendida com o termo para 'erva medicinal'. Essa noção de massa veiculada por *ēpi* sugere que o wayana percebe o resultado do remédio como um processo que requer um conjunto de folhas, como geralmente é o caso quando preparam remédio com planta medicinal ou plantas medicinais:

- (78a) *Ēpi w-enok-ja-i*
Remédio 1A3P-engolir-HAB-SIT
'Tomo remédio.' (sentido genérico)

- (78b) *Pĩjai epi-tʃi-hpe man*
xamã remédio-PL-ter EXIST
'O xamã tem o seu remédio.' (Lit o xamã tem a sua remediada)

Conclusão

As análises apresentadas mostram que a diversidade de significação atribuída a uma mesma construção sintática está ligada às propriedades semânticas dos nomes implicados na relação de determinação. A relação semântica mantida entre os nominais é regida tanto pela posição dos elementos no sintagma nominal que por afixos que são amalgamados ao nome determinado ou à entidade cujo determinante é semanticamente dependente. Existe um tratamento diferente dos nomes absolutos e dos nomes relativos, isto é, aqueles cuja existência se concebe como autônoma em oposição àqueles concebidos como dependentes.

Vimos que o item lexical apresenta uma morfologia que distingue a sua propriedade morfossemântica, tendo de um lado a acepção semântica do termo genérico e do outro a do termo representado pelo elemento possuído, interpretado aqui por específico. Vimos que na estrutura de posse, os elementos em relação seguem a ordem De → Do, onde maiormente o termo o possuído é indexado. O elemento possuidor aparente nominalmente se mantém à esquerda do termo determinado. Neste caso, a indicialização é dispensada. Caso o elemento possuidor estiver presente, e o elemento possuído indicializado, uma leitura de correferência com o elemento possuidor é requerida.

Tratamos sobretudo de unidades linguísticas que revelam conceitos gramaticais como também a classificação semântica das entidades do universo linguístico wayana. Os dados apresentados mostram que a morfologia intervém constantemente na relação sintática e na relação semântica que os elementos mantêm entre si na determinação nominal. As diferentes análises permitem-nos transpassar percepções extralinguísticas da relação entre as entidades, traduzida pela morfossintaxe da língua. Afora a intensa variação morfofonética das formas indicializadas, a língua mostra não dispor de marcador de caso genitivo, porém, a construção de posse mostra diferentes recursos morfossintáticos, cuja semântica revela diferentes níveis de relação entre as entidades. Essas relações remetem à inerência, à inalienabilidade e à alienabilidade, distintas pela morfologia, sobretudo nas construções negativas. Os morfemas indicadores dessas relações que se agregam ao Do como sufixos, revelam o tipo de relação entre os elementos. Ao elemento possuído, outros sufixos se agregam, levando a um processo derivacional que revela diferentes categorias gramaticais e semânticas, como a da privação de posse, com diferentes níveis de privação. A série de sufixos *-hme* e *hpe* determina o elemento possuído expressando a noção de posse ‘ter’ ou ‘dispor de’, veiculando valores aspecto-temporais: estado em transição (*-hme*, no falar do Brasil) e estado permanente ou de atividade (*-hpe*, no Brasil e na Guiana, sendo que neste departamento, os Wayana empregam *-hme* com o valor de estado permanente). Uma outra singularidade é a noção da posse comitativa formulada por um morfema descontínuo « *t{i}*’-Nominal *COM* », por meio do prefixo de posse reflexiva, *t{i}*-, e de diferentes posposições *ke*, *malē* ‘com’, posicionados à direita do elemento possuído. Este morfema descontínuo pode também ser marcado pelo sufixo de alienabilidade « *t{i}*’-Nominal-*n{u}*’ ». Um último ponto abordado, é a existência do sufixo pluralizador, *-tī*, que, em muitos casos, associado ao item lexical, cristalizou-se, formando uma palavra que só existe com a noção de plural. A noção de *pluralia tantum* é recorrente com muitos itens lexicais em função de Do em construção de posse.

As diferentes construções de posse revelam distintas estratégias semânticas, levando a uma classificação tipológica sintático-semântica complexa em wayana. Esta é refletida na ordem dos elementos, no sistema afixal, usado nos diferentes processos derivacionais, e também na predicação existencial ou copulativa. Essa tipologia sintático-semântica não parece ser privilégio do wayana. Pode abranger um sistema areal mais amplo das línguas indígenas regionais, faladas na área das Guianas.

Referências

- Camargo, Eliane (1999). La relation d’appartenance en wayana. *La Linguistique* 35(1): 97-112. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30249175>
- Camargo, Eliane (2001-2002). Aspects de la morphologie apalai dans les constructions d’appartenance. *AMERINDIA* 26/27: 124-146.
- Camargo, Eliane (2003). Relações sintáticas e semânticas na predicação nominal do Wayana: A oração com cópula. *AMERINDIA* 28: 133-160.

CAMARGO e WAJANA – ESTRATÉGIAS DA POSSE EM WAYANA...

- Camargo, Eliane (2006). Lexical categories and word formation processes in Wayana (Cariban language). In Ximena Lois; Valentina Vapnarsky (eds.). *Lexical categories and root classes in Amerindian languages*, pp. 147-188. Bern: Peter Lang.
- Camargo, Eliane (2008). Operadores aspectuais de estado marcando o nome em wayana (Caribe). *LIAMES. Línguas Indígenas Americanas* 8: 85-104. doi: <https://doi.org/10.20396/liames.v8i1.147>
- Camargo, Eliane; Wayana, Asiwae; Kaxinawa, Mudu (2018). Documentação de línguas e culturas indígenas. *MOARA (Estudos Linguísticos)* 50: 52-86.
- Jackson, Walter S. (1972). A Wayana grammar. In Joseph E. Grimes (ed.). *Languages of the Guianas*, pp. 47-77. Suriname: SIL International Publication in Linguistics. Disponível em: <https://www.sil.org/resources/archives/8669>
- Koehn, Sarah (1994). The use of generic terms in Apalaí genitive constructions. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 8: 39-48.
- Launey, Michel (1994). *Une grammaire omniprédicative: Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl classique*. Sciences du Langage. Paris: CNRS.
- Meira, Sérgio (1998). *A reconstruction of Proto-Taranoan: Phonology and inflectional morphology* (Master's thesis). Houston, Texas: Rice University. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1911/17197>.
- Tavares, Petronila da Silva (2005). *A grammar of Wayana* (Ph.D. dissertation). Houston, Texas: Rice University. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1911/18984>.
- Velthem, Lucia Hussak van (2003). *O belo é a fera: A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim.

Abreviaturas

1	primeira pessoa	P	paciente
2	segunda pessoa	PERM	aspecto permanente
3	terceira pessoa	PL	plural
A	agente	POSS	possessivo
ALIEN	alienável	PRIV	privativo
ARC	arcaico	PRIV.IRREVERS	privativo irreversível
ASS	assertivo	PRIV.REVERS	privativo reversível
ASSOC	associativo	PRON	pronomes
BR	Brasil	REFL	reflexivo
C	consoante	SG	singular
COL	coletivo	SIT	situacional
COM	comitativo	sp	espécie
COMPL	aspecto completo	U	actante único
COP	cópula	V	vogal
DAT	dativo		
De	elemento determinante		
DIR	direcional		
Do	elemento determinado		
EVOL	aspecto evolutivo		
EXCL	exclusivo		
EXIST	existencial		
GFR.	Guiana Francesa		
HAB	habitual		
IMPER	imperativo		
INAL	inalienável		
INCL	inclusivo		
INSTR	instrumental		
INTERR	interrogativo		
LIT	literal		
MOD	modalidade epistêmica		
NEG	negativo		

Recebido: 19/4/2018

Revisto: 29/3/2019

Aceito: 4/4/2019